



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS

ANÁLISE DO DISCURSO DE SASUKE – ANIMÊ NARUTO

Lara Beatriz Oliveira Borges

Goiânia,
2022

Lara Beatriz Oliveira Borges

ANÁLISE DO DISCURSO DE SASUKE – ANIMÊ NARUTO

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.

Orientadora: Prof^a. M^a Edilene Maria de Oliveira

Goiânia,

2022

Lara Beatriz Oliveira Borges

ANÁLISE DO DISCURSO DE SASUKE – ANIMÊ NARUTO

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.

Orientadora: Prof.^a Me.^a Edilene Maria de Oliveira.

Banca Examinadora

Orientadora: Professora Me.^a Edilene Maria de Oliveira – PUC Goiás

Professora Leitora: Prof.^a Me.^a Daura Maria Guimarães Aguiar – PUC Goiás

Goiânia,

2022.

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus por ter me ajudado nesta difícil caminhada.

Aos meus pais, principalmente minha mãe, por sempre apoiarem minhas escolhas e, ao longo de toda minha vida, sempre proporcionarem meios para que eu pudesse estudar.

Aos meus amigos Warley e Andrielly que durante toda essa caminhada para a escrita estiveram ao meu lado, incentivando e aconselhando.

Aos meus professores de faculdade, à professora Hellen em especial que me incentivou a continuar o curso de Letras, que foram essenciais para a minha formação.

A minha orientadora Prof. ^a Me. ^a Edilene Oliveira por ter aceitado me orientar, pelos diversos conselhos, aprendizados, carinho, motivação e inspiração que me trouxe.

Se você não gosta do seu destino, não aceite. Em vez disso, tenha a coragem de o mudar do jeito que você quer que seja.

Naruto

Resumo

Este trabalho aponta os tipos de discursos totalitários, refletidos no discurso do personagem Sasuke Uchiha, do animê Naruto (2002). Por meio das teorias da Análise de Discurso, pretende-se chegar aos efeitos de sentido que as ideologias presentes na época manifestam no discurso do personagem, comparando ao contexto sócio-histórico do personagem e do mundo em que ele vive. Com base nas teorias da Análise de Discurso, priorizando conceitos como discurso, ideologia, sujeito, formações ideológicas e discursivas e por meio da pesquisa sobre o contexto sócio-histórico e político da época e do atual, realizou-se a análise discursiva do discurso escolhido para a melhor compreensão das consequências de um discurso ditatorial na sociedade atual.

Palavras chaves: Análise de Discurso. Discurso. Ideologia. Contexto Sócio-histórico.

Abstract

This paper points out the types of totalitarian discourses, reflected in the discourse of the character Sasuke Uchiha, from the anime Naruto (2002). Through the theories of Discourse Analysis, it intends to reach the effects of meaning that the ideologies present at the time manifest in the character's discourse, comparing it to the socio-historical context of the character and the world in which he lives. Based on the theories of Discourse Analysis, prioritizing concepts such as discourse, ideology, subject, ideological and discursive formations, and through research on the socio-historical and political context of the time and the current one, the discourse analysis of the chosen discourse was carried out for a better understanding of the consequences of a dictatorial discourse in today's society.

Keywords: Discourse Analysis. Discourse. Ideology. Socio-historical Context.

Lista de Abreviaturas

AD Análise de Discurso

FD Formações Discursivas

FI Formações Ideológicas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
ANÁLISE DE DISCURSO	12
1.1 Língua e Discurso	13
1.2 Contexto sócio-histórico e ideológico	15
1.3 Formação discursiva e ideológica	19
O ANIMÊ NATURO	22
2.1 Discurso ditatorial	25
2.2 O discurso de Sasuke	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37
ANEXOS	39
GLOSSÁRIO	41

INTRODUÇÃO

Neste trabalho proporemos a análise do discurso do personagem escolhido com base nas teorias da Análise de Discurso e com base nos discursos totalitários em nossa realidade.

O tema foi escolhido para este estudo a fim de demonstrar como os discursos ditatoriais podem se materializar no mundo do entretenimento e apontar como eles influenciam os personagens na trama enunciativa.

Esse trabalho lançará o olhar sobre uma formação discursiva que impõe a vontade do ditador/personagem Sasuke Uchiha sobre todos no mundo ninja presentes no animê Naruto. O discurso que será analisado, com base nas teorias da Análise de Discurso, será o do personagem Sasuke, um sobrevivente do massacre do clã Uchiha. Seu discurso dito na Quarta Guerra Mundial Shinobi – episódios 475 e 476 – é um discurso totalitário e revolucionário com a intenção de destruir o sistema shinobi e construir um novo sistema, em que a escuridão e o ódio no mundo irão se concentrar no próprio Sasuke.

Dessa forma, será possível identificar semelhanças com discursos ditatoriais, em que há a negação da existência de outros grupos sociais e de outras comunidades, desmerecendo líderes estatais e impondo um único poder e sua superioridade.

A Análise de Discurso, nos dias que correm, é uma das teorias mais utilizadas para analisar discursos, sejam eles orais ou não. Ela os analisa procurando sentidos, considerando o sujeito e o contexto social em que está inserido, considerando também a história e a ideologia. O discurso é conhecido, por grande maioria, como uma ferramenta para se comunicar em casos religiosos ou políticos, que são mais famosos, porém, não se trata somente de comunicação, mas de observar no discurso a língua produzindo sentidos e a relação da língua com a ideologia. Conforme aponta Orlandi (2015):

"Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando." (ORLANDI, 2015, p .13)

A abordagem que será feita no discurso escolhido será identificar as suas relações com os tipos de discursos e com a nossa sociedade, pois, tratando-se de um discurso complexo, que provoca a imposição de uma ideologia, pode-se explorar essas relações e trabalhar a visão crítica do telespectador. Assim, poderemos identificar discursos ideológicos em um animê, que, à primeira vista, é consumido apenas por entretenimento, e, assim, ser à possível extrair sentidos sobre o discurso totalitário.

Analisaremos o discurso escolhido e faremos a comparação com regimes totalitários, em que o ditador impõe suas vontades ao mundo ninja. Para isso, utilizaremos o conceito de formação discursiva. Para Fernandes (2008):

"Uma formação discursiva caracteriza-se pela existência de um conjunto semelhante de objetos e enunciados que os descrevem, pela possibilidade de explicitar como cada objeto de discurso tem, nela, o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que a engendram derivam de um mesmo jogo de relações." (FERNANDES, 2008, p. 44).

O alicerce do trabalho é a análise do discurso ditatorial e a comparação com a realidade, com os regimes totalitários e com os movimentos que existiram e a sua fundamentação teórica.

No primeiro capítulo faremos um percurso sobre as teorias da Análise de Discurso, trazendo suas abordagens sobre a leitura, o texto e a historicidade dos sentidos. Apontaremos também a relação das formações imaginárias com o sujeito, e como o contexto sócio-histórico influencia o discurso.

No segundo capítulo explicaremos o que é animê e sua historicidade no mundo e no Brasil, adiante traremos tipos de discursos ditatoriais e seus contextos sócio-históricos. Por fim, a análise do discurso (corpus) escolhido para este trabalho, o discurso do personagem Sasuke, a sua história, seus familiares e seus poderes.

1. ANÁLISE DE DISCURSO

Este estudo está filiado ao esboço investigativo da Análise de Discurso de linha francesa, com ênfase para as contribuições de Michel Pêcheux e para pesquisadoras/res brasileiras/os que seguem esse aporte teórico.

A teoria da Análise de Discurso foi criada na França, por Michel Pêcheux, na década de 1960 e, a posteriori, Eni Orlandi, nos anos de 1970, inaugura investigações dentro do escopo da teoria pecheutiana. A Análise de Discurso toma espaço pelo seu caráter de ruptura com o pensamento da época – que compreendia o sistema linguístico como elemento homogêneo. À vista disso, ela parte de três esferas teóricas, a saber: a Linguística, a Psicanálise e o Marxismo (BRASIL, 2014).

Entretanto, é necessário ressaltar que a Análise de Discurso não visa fixar-se nas concepções que sustentam a tríade supracitada. Na verdade, Pêcheux busca tomar como base para compreender a materialidade linguística, como suporte do discurso, o inconsciente, na constituição do sujeito, e a ideologia como procedimento que estrutura o discurso e o sujeito interpelado também pela história (BRASIL, 2014).

Em uma tentativa de demonstrar a estruturação da Análise de Discurso e a influência dos campos teóricos da Linguística, da Psicanálise e do Materialismo, Orlandi (2015) afirma que:

A Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele (ORLANDI, 2015, p.18).

À vista disso, a linguagem é categoria que não pode ser colocada sob a ótica que a concebe como matéria de comunicação e de interação verbal, já que o seu estabelecimento perpassa por procedimentos que extrapolam o próprio sistema linguístico. A comunicação entre interlocutores, por exemplo, sofre interferências da história, da ideologia, das lutas de classe e do inconsciente.

É pela conceitualização dos princípios de funcionamento da língua, da linguagem, que se pode compreender a noção de discurso. Sendo assim, há a necessidade de construir, brevemente, um olhar para o modo como a Análise de Discurso concebe a língua e o discurso.

1.1 Língua e Discurso

Eni Orlandi inicia suas reflexões, na obra *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos* (2015), dizendo que a Análise de Discurso (AD) não trata de língua e nem mesmo de gramática, mas de discurso. Segundo Orlandi (2015, p. 13), “O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. Dessa forma, a autora pontua que AD busca compreender o trabalho simbólico em que a língua é utilizada enquanto produtora de sentidos.

Nesse sentido, a língua tem sua ordem própria e com o respaldo do materialismo histórico denota o caráter da não transparência da história feita pelo homem e, assim, partindo da ideia de que a linguística embasaria seu conhecimento sobre o abstrato, a AD encaminhará seu raciocínio sobre a forma material, que Orlandi (2015) chamará de linguístico-histórica.

Em seguida, Orlandi (2015) busca distinguir o modelo de comunicação que conhecemos e a AD. A autora demonstra que os elementos que correspondem ao modelo comunicacional se constituem por: emissor, código, receptor, referente e mensagem. Sendo assim, “o emissor transmite uma mensagem (informação) ao receptor, mensagem essa formulada em um código, referindo a algum elemento da realidade – o referente” (ORLANDI, 2015, p. 19). A AD se diferencia desse sistema já que ela não busca transmissão de informação e o envio de uma mensagem, mas propõe pensar o discurso em que é realizado um processo de significação, um efeito de sentido. Para Orlandi (2015):

Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. Por outro lado, tampouco assentamos esse esquema na ideia de comunicação. A linguagem serve para comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre seus locutores. (ORLANDI, 2015, p. 20).

Adiante, Orlandi (2015) alerta para uma possível confusão que não deve acontecer entre discurso e a fala, advinda da relação língua/fala de Saussure. Dessa forma, o discurso não se opõe à língua, enquanto na noção saussuriana fala e língua

se opõem. Para Orlandi (2015, p. 20), “o discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto”.

À vista disso, Orlandi (2015) discorre ainda sobre a relação entre língua e discurso na AD, com isso, a pesquisadora aponta que o discurso é não visto como algo sobre o que se exerce total liberdade sem se importar com condicionantes linguísticas ou determinações históricas e a língua também não é visualizada como um mecanismo totalmente fechado em si, sem falhas ou equívocos, ou seja, “a língua é assim condição de possibilidade do discurso” (ORLANDI, 2015, p. 20). Dessa forma, a AD se relaciona com as questões de sentidos estabelecidas entre os sujeitos, fazendo com que a linguagem só faça sentido porque se inscreve na história.

Diferentemente da Linguística, que trabalha com a língua como um sistema fechado em suas regras estruturais, a Análise de Discurso toma o discurso como materialidade específica da ideologia e a língua como materialidade específica do discurso, compreende-se, portanto, que língua-discurso-ideologia são indissociáveis. Nesse sentido, Orlandi (2015) vem afirmar que:

Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas sobretudo como um acontecimento. Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. Aí entra então a contribuição da Psicanálise, com o deslocamento da noção de homem para a de sujeito. Este, por sua vez, se constitui na relação com o simbólico, na história. (ORLANDI, 2015, p. 17).

Nessa perspectiva, o vínculo que os falantes de uma língua estabelecem com a linguagem não é produzido em si mesmo, mas com as interações sócio-históricas e ideológicas que possibilitam que o sujeito possa ser sujeito do discurso. O discurso se constitui a partir dos movimentos de subjetivação do sujeito falante na língua e na história. Orlandi (2015, p. 33) alega que “quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam”.

Para Orlandi (2015, p. 45), “não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados”. Assim como a língua, o sujeito discursivo também está suscetível a falhas. O dizer não é individual

e muito menos homogêneo, mas é um processo constituído pela inscrição da língua na história. Logo, o sujeito interpelado pela historicidade dos sentidos tem a impressão de ser origem do que enuncia, quando na verdade está reproduzindo dizeres já existentes.

A Análise de Discurso traz novas abordagens da leitura, do texto e do significado para o centro dos debates sobre a linguagem. Ao lidar com a lente investigativa, à medida que história e ideologia ganham espaço no estudo idealizado de Pêcheux - elementos sócio-históricos servem como condutores de pistas.

1.2 Contexto Sócio-Histórico e Ideológico

Levando em consideração o que foi discutido, o contexto sócio-histórico é de suma importância para a AD e seus estudos, pois auxilia na busca sobre como a ideologia se materializa no discurso e como o discurso se materializa na língua, podendo assim ajudar na compreensão de que o sujeito é influenciado/influenciador e está em constante mudança de acordo com seu lugar social. Para Fernandes (2008):

Para falarmos em discurso, precisamos considerar os elementos que têm existência no social, as ideologias, a História. Com isso podemos afirmar que os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações, acompanham as transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana. (FERNANDES, 2008, p.14)

De acordo com que foi visto, o discurso não é fixo, pois o sujeito sofre influência do seu meio social, seja ele ideológico ou não, pois há uma dominação de classes, a classe dominante sobre a classe dominada, em que a realidade pode ser moldada segundo os interesses da classe dominante. Sendo assim, o sujeito, por meio de seu lugar social, possui chances de ser influenciado e, também, de se colocar no lugar do influenciador, ou seja, de aliená-lo.

A AD, levando em consideração essas mudanças do sujeito e do seu discurso, encarrega-se do estudo sobre o contexto e de como a língua pode trabalhar a favor do sujeito.

Analisar o discurso implica interpretar os sujeitos falando, tendo a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades sociais. A ideologia materializa-se no discurso que por sua vez, é materializado pela linguagem em forma de texto; e/ou pela linguagem não verbal, em forma de imagens. (FERNANDES, 2008, p.15)

Como foi dito por Fernandes (2008, p.15), "o estudo do discurso toma língua materializada em forma de texto, *forma linguístico-histórica*, tendo o discurso como objeto. A análise destina-se a evidenciar os sentidos do discurso tendo em vista as suas condições sócio-históricas e ideológicas de produção" que nos permite refletir sobre o uso da língua, sobre como ela é usada para as transformações sociais e sobre como ela se insere na história.

Na AD, um indivíduo, sem ter contato com ideologia, é retratado como assujeitado porque é a ideologia que cria o sujeito, tendo em vista que sem ela não haveria sujeitos no meio social. Para a sua efetuação ideológica, é necessário que este sujeito esteja imerso em um contexto histórico, caso contrário, as ideologias não farão sentido a estes sujeitos.

[...] trata-se do sujeito empírico, individualizado, que, dada a sua natureza psicológica, tem a capacidade para a aquisição de língua e a utiliza em conformidade com o contexto sociocultural no qual tem a existência. O sujeito falando remonta à perspectiva assinalada quando expusemos a noção de discurso; refere-se a um sujeito inserido em uma conjuntura sócio-histórica-ideológica cuja voz é constituída de um conjunto de vozes sociais. (FERNANDES, 2008, p.25-26)

Em relação ao que já foi abordado, deve-se afirmar que o esquecimento ideológico é uma parte estrutural da percepção, sendo assim, o esquecimento ideológico é considerado uma instância do inconsciente, ele determina como o sujeito é influenciado pela ideologia e, lançando o olhar novamente para Eni Orlandi (2006), podemos entender que o processo ideológico nada tem a ver com falta, mas com excesso:

A ideologia representa a saturação, o efeito de completude que, por sua vez, produz o efeito de 'evidência', sustentando-se sobre o já-dito, os sentidos institucionalizados, admitindo por todos como 'naturais'. Pela ideologia há transposição de certas formas materiais em outras, isto é, há simulação. Assim, na ideologia não há ocultação de sentidos, mas apagamento do processo de sua constituição (ORLANDI, 2006, p.35).

Nessa direção, é preciso incluir as definições de interdiscurso, na medida em que o sujeito é constituído pelo esquecimento que o define. Interdiscurso pode ser entendido como um discurso em relação a outro já existente, conjunto de ideias já mencionado, a relação das possibilidades de dizer. Conforme descrito por Eni Orlandi

(2015, p. 31): “Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos”.

Os sentidos também são determinados pelas condições de produção da fala, em que as situações de expressão são contexto imediato e contexto amplo. Em relação ao contexto imediato (circunstâncias), entre outros elementos que regulam o processo argumentativo, pode-se citar como exemplo um julgamento com advogados, um juiz, um promotor. O contexto amplo é limitado pelo interdiscurso (memória discursiva) que fornece os enunciados responsáveis por mobilizar os efeitos de sentido atribuídos à instituição jurídica, à pessoa jurídica e ao próprio réu.

Nessa perspectiva, Eni Orlandi (2006) explica que:

O sujeito da análise de discurso não é empírico, mas a posição sujeito projetada no discurso. Isto significa dizer que há em toda língua mecanismos de projeção que nos permitem passar da situação sujeito para a posição sujeito no discurso. Portanto não é o sujeito físico, empírico que funciona no discurso, mas a posição sujeito discursiva. (ORLANDI, 2006, p.15).

Assim como Orlandi, Travaglia (2009) explica que os sujeitos do discurso “não são tomados como elementos empíricos”. E, para o autor, os sujeitos são tomados “como formações imaginárias, isto é, como imagens que a sociedade faz desses sujeitos dentro de sua formação histórica e ideológica, enquanto ‘posições de sujeito’ [...]” (TRAVAGLIA, 2009, p. 89). Em outras palavras, os sujeitos estão intrinsecamente relacionados com os papéis sociais (tomados como imagens) que os indivíduos assumem quando estão produzindo o texto (falando ou escrevendo) ou recebendo-o (ouvindo ou lendo).

Outro ponto fundamental da análise do discurso para a compreensão da relação entre sujeito e sentido é o conceito de formação do imaginário. Esse conceito percorre todo o processo discursivo. O jogo de imagens situa os temas no discurso por meio de projeções construídas em contextos sócio-históricos. Do ponto de vista discursivo, o lugar ocupado pelo sujeito em determinada condição de formação social é a condição de produção discursiva e define a posição ocupada pelo sujeito no discurso.

Para Pêcheux (2014, p.82, grifos no original), “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se

atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do outro”. A seguir apresento o esquema em que Pêcheux explicita as formações imaginárias.

Tabela 1 – Representação do jogo de formações imaginárias

Expressão que designa as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente
A { IA (A)	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	“Quem sou para lhe falar assim?”
	IA (B)	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A
B { IB (B)	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	“Quem sou eu para ele me fale assim?”
	IB (A)	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B

Fonte: Pêcheux (2014, p.82)

A posição social ocupada pelos sujeitos é responsável por estabelecer os significados de acordo com as necessidades dos interlocutores. A partir da localização social, o indivíduo torna-se objeto de discussão, assim como o lócus do discurso só se concretiza pela subordinação ideológica da luta de classes. De acordo com Orlandi (2006, p.18): “É pelo funcionamento do interdiscurso que o sujeito não pode reconhecer sua subordinação-assujeitamento ao Outro, pelo efeito de transparência, esse assujeitamento se apresenta sob a forma da autonomia”.

No entanto, é por intermédio da forma-sujeito histórica que ocorre o processo de individualização do sujeito enquanto sujeito-de-direito ou sujeito jurídico, caracterizado como um sujeito ao mesmo tempo livre para fazer suas escolhas e ao mesmo tempo submisso às restrições estabelecidas pelos Aparelhos Repressivos de Estados – sistema prisional, justiça, polícia etc. – e pelos Aparelhos Ideológicos do Estado – família, escola, igreja etc. “Esse sujeito é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas” (ORLANDI, 2008, p.78 apud HAROCHE, 1984).

1.3 FORMAÇÃO DISCURSIVA E FORMAÇÃO IDEOLÓGICA

O conceito de formação discursiva tem início através de Foucault que a define como um dispositivo que provoca processos de transformação na concepção do objeto de Análise de Discurso:

Um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 1969).

A FD é aquilo que define o que pode ser dito em um lugar social. Para a fundamentação de uma FD, são necessárias “regras de formação” já que a FD é marcada por regularidades. Essas regras são tidas como mecanismos de controle que determinam o interno e o externo de uma formação discursiva. O interno representa tudo que pertence a uma FD, o externo tudo aquilo que não pertence. Mussalim diz que “uma FD é constituída de paráfrases, já que é um espaço onde enunciados são retomados e reformulados sempre.”

Ao analisarmos um discurso, devemos ir atrás das formações discursivas, pois são elas que determinam o que pode e o que deve ser dito em uma dada circunstância, sendo também o elemento que possibilita a compreensão do discurso. Dito isso, dentro da formação discursiva é possível encontrar formas mais claras que envolvem processos de compreensão.

Uma formação discursiva caracteriza-se pela existência de um conjunto semelhante de objetos e enunciados que os descrevem, pela possibilidade de explicitar como cada objeto de discurso tem, nela, o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que a engendram derivam de um mesmo jogo de relações. (FERNANDES, 2008, p. 44).

No que diz respeito às formações ideológicas, Chauí (2001) utiliza dos postulados de Durkheim, sociólogo e cientista político, para explicar como os fatos sociais são encarados pela sociologia científica como “desprovidos de interioridade, isto é, de significações e interpretações científicas” (CHAUÍ, 2001, p. 35). Dessa forma, Chauí (2001) demonstra que, a partir desse olhar dado aos fatos sociais, o sociólogo conseguiria lançar o olhar para sua realidade como se não fizesse parte dela, dessa forma, manteria sua objetividade e neutralidade como cientista. Já a ideologia seria, aos olhos da teoria Durkheimiana, “todo conhecimento da sociedade que não respeite

tais critérios de objetividade” (CHAUÍ, 2001, p. 36). Com isso, Durkheim reconhecia o ideológico como uma sobra de ideias pré-científicas, conseqüentemente, todo sociólogo não científico seria, afinal, um sociólogo ideológico devido a três motivos que seriam:

Em primeiro lugar, porque é subjetiva e tradicional, revelando que o pensador não tomou distância em relação à sociedade que vai estudar; em segundo lugar, porque, formando toda a bagagem de ideias prévias do cientista suas prenoções ou preconceitos, a ciência acaba indo das ideias aos fatos, quando deve ir dos fatos às ideias; e, em terceiro lugar, porque na falta de conceitos precisos o cientista usa palavras vazias e as substitui aos verdadeiros fatos que deveria observar. A ciência é substituída pela invenção pessoal e por seus caprichos ou, como diz Durkheim, a arte ocupa o lugar da ciência. (CHAUÍ, 2001, p. 36-37).

Outro conceito de ideologia levantado por Chauí (2001) é da ideologia marxista, ou seja, a noção de ideologia postulada pelo filósofo Karl Marx. Sendo assim, a ideologia é tratada como um instrumento utilizado pela classe dominante no intuito de fazer com que suas necessidades e urgências também sejam as mesmas das outras classes sociais mascarando, assim, a realidade social dos sujeitos que convivem entre si em sociedade. Esse movimento ideológico feito pela classe dominante que produz efeito sobre os dominados é chamado de alienação, ou seja, “Alienação é a impossibilidade de o sujeito histórico identificar-se com sua obra, tomando-a como um poder separado dele, ameaçador, estranho, outro que não ele mesmo” (CHAUÍ, 2012, p. 48).

Para Orlandi (2015) um dos pontos fortes da AD é estabelecer outros sentidos de ideologia a partir de sua consideração sobre a linguagem. Para a autora, “o fato de que não há sentido sem interpretação, atesta a presença da ideologia” (ORLANDI, 2015, p. 43). Com isso, a pesquisadora estabelece que o homem, diante de qualquer objeto simbólico, é levado a interpretar e, assim, abre margem para a existência da ideologia. Para Orlandi (2015):

Nesse movimento de interpretação o sentido aparece-nos como evidência, como se ele estivesse já sempre lá. Interpreta-se e ao mesmo tempo nega-se a interpretação, colocando-a no grau zero. Naturaliza-se o que é produzido na relação do histórico e do simbólico. Por esse mecanismo – ideológico – de apagamento da interpretação, há transposição de formas materiais em outras, construindo-se transparências – como se a linguagem e a história não tivessem sua espessura, sua opacidade – para serem interpretadas por determinações históricas que se apresentam como imutáveis, naturalizadas. Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência. (ORLANDI, 2015, p. 44)

Dessa forma, Orlandi (2015) descreve que a ideologia é uma condição para a constituição dos sujeitos e dos sentidos, ou seja, é pela ideologia que o indivíduo é interpelado em sujeito. Para isso, Orlandi se apoia nas teorias de Pêcheux sobre a AD e parte da ideia de que a ideologia e o inconsciente estariam atrelados. Dessa forma, a ideologia tem como característica a capacidade de dissimular sua existência em seu próprio funcionamento “produzindo um tecido de evidências ‘subjéctivas’, entendendo-se ‘subjéctivas’ não como ‘que afetam o sujeito’, mas, mais fortemente, como ‘nas quais se constitui um sujeito’” (ORLANDI, 2015, p. 44)

Posteriormente, Orlandi (2015) apresenta duas evidências: a evidência do sujeito e a evidência do sentido. Dessa forma, a evidência do sentido faz com que uma palavra designe uma coisa, ou seja, “faz ver como transparente aquilo que se constitui pela remissão a um conjunto de formações discursivas que funcionam com uma dominante” (ORLANDI, 2015, p. 44). Portanto, urge a necessidade de um campo teórico que vise a materialidade do discurso, que possibilite trabalhar esse efeito de evidência dos sujeitos e dos sentidos. Enquanto isso, a evidência do sujeito trabalha com a ideia de que sempre já fomos sujeitos e, com isso, “apaga o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Esse é o paradoxo pelo qual o sujeito é chamado à existência: sua interpelação pela ideologia” (ORLANDI, 2015, p. 44).

A partir dessas postulações, Orlandi (2015) demonstrou que a ideologia, ao invés de se materializar na ocultação, faria uma ligação necessária entre o mundo e a linguagem. Para a autora:

A relação da ordem simbólica com o mundo se faz de tal modo que, para que haja sentido, como dissemos, é preciso que a língua, como sistema sintático passível de jogo – de equívoco, sujeita a falhas se inscreva na história. Essa inscrição dos efeitos linguísticos materiais na história é que é a discursividade (ORLANDI, 2015, p. 45)

2. O ANIMÊ NARUTO

Com o avanço da globalização, vários países espalhados pelo mundo começaram a ter acesso a diferentes produtos culturais vindos de várias regiões do planeta. Dentre os produtos culturais advindos do Japão, dois deles se destacam por sua distribuição e consumo excessivo no ocidente: os mangás e os animês. Urbano (2013) aponta o despertar dos mangás, popularmente conhecidos como quadrinhos japoneses, no período pós-guerra sob o pioneirismo de Osamu Tezuka. Esse *mangaká*, nomenclatura dada aos desenhistas de mangás, foi inspirado fortemente nas apresentações realizadas no teatro de *Takarazuka* que, segundo Urbano (2013, p. 34), é um “teatro de revista criado em 1913 por Ichizo Kobayashi, na cidade homônima, localizada na província de Hyogo. Consiste em encenar musicais, com adaptações de obras tanto japonesas quanto ocidentais”, além disso, o mangaká também foi influenciado pelos filmes da Disney e pelas comédias de Charles Chaplin, dessa forma, em 1947, Tezuka lança seu primeiro mangá intitulado *Shin Takarajima*, traduzido como A Nova Ilha do Tesouro. Posteriormente, os mangás permitirão a materialização dos animes, como aponta Urbano (2013, p. 35), ao dizer que “a divisão das histórias em vários capítulos (do mesmo modo que as nossas telenovelas) bem como quase todas as características lingüísticas, temáticas e estéticas desenvolvidas para o mangá foram posteriormente incorporadas aos animês”. Sendo assim, o sistema de distribuição das histórias dos mangás, que as dividem em capítulos de acordo com os volumes a serem lançados, permitiram o lançamento de temporadas de animes sendo divididos por capítulos. No que diz respeito aos animês, Urbano (2013) revela que:

o termo anime/animê (escrito no sistema japonês de sílabas e pronunciado “ah nee may”) é uma abreviação da palavra japonesa (anime – shon) e, que por sua vez, consiste numa corruptela de animation (animação), do inglês, falada pelos japoneses como animeeshon. (URBANO, 2013, p. 34).

Urbano (2013) revela que, no Japão, as palavras anime e manga não são acentuadas, porém no português ressalta o acento oralmente para que não se confunda a fruta “manga” com “mangá” e também se acentua “animê” para que não se confunda com “anime” (do verbo animar).

Naruto é um mangá escrito e ilustrado por Masashi Kishimoto. A narrativa gira em torno de um garoto órfão conhecido como Naruto Uzumaki e que carrega dentro

de si um espírito demoníaco e implacável, conhecido como Raposa de Nove Caldas. O mangá foi publicado entre os anos de 1999 e 2014 e vendeu, aproximadamente, 250 milhões de cópias no mundo todo.

Com uma enorme popularidade, o mangá logo foi adaptado para o formato de animês e, assim, passou a ser distribuído e consumido em vários países. O mangá e o animê são divididos em duas partes. A primeira parte retrata a formação de Naruto na academia ninja, espaço materializado na narrativa como sistema de formação em que os ninjas estudam e participam de missões para atingir determinados patamares em sua aldeia, nesse primeiro momento da narrativa acompanhamos as aventuras do protagonista ao lado de seus amigos Sasuke Uchiha e Sakura Haruno que vão compor o time 7 juntamente com seu professor, conhecido como sensei, Kakashi Hatake. Já a segunda parte do animê acontecerá dois anos e meio após a primeira parte em que o time 7 passará a procurar Sasuke, um de seus componentes, após ele ter escolhido fugir da aldeia em que morava com os demais ninjas. A primeira parte do animê é intitulada apenas de *Naruto*, enquanto isso, a segunda parte é conhecida como *Naruto Shippuden*.

Silva (2019) narra em seus escritos que vários animês/mangás constroem o nome dos seus personagens com uma relação estreita com sua personalidade, sendo assim, o mangaká Makashi Kishimoto, fã da culinária japonesa, optou pelo nome Naruto já que o mesmo nome é designado ao bolinho de peixe servido sobre o Ramen, alimento japonês composto por um tipo de macarrão chinês com uma sopa com caldo à base de ossos de porco, peixe ou frango. Segundo Silva (2019):

É conhecido no Japão como “Narutomaki”, podendo ser traduzido como “Enrolado de Naruto” ou “Torta de Naruto”. Devido ao desenho de uma espiral ele é facilmente associado a um redemoinho, nos remetendo ao significado do título Shippuden, que quer dizer furacão. Encontramos espirais no uniforme de Naruto [...] como no símbolo de selamento das Nove Caudas em sua barriga. (SILVA, 2019, p. 49)

Fábio Garcia, jornalista do portal Omelete, em uma matéria intitulada *Naruto no Brasil, uma febre que superou Cavaleiros dos Zodíacos e Dragon Ball (2021)* relata a longevidade da popularidade do animê. O jornalista aponta, que para ser considerado um fenômeno, os animês deveriam se encaixar em três etapas importantes: a exibição na televisão aberta, produtos nas lojas e reconhecimento daqueles que nem sequer haviam assistido a animação. Para Garcia (2021), apenas os animês *Dragon Ball*, *Yu-*

Gi-Oh, *Os Cavaleiros dos Zodíacos* e *Pokemon* haviam alcançado esses feitos até então.

Garcia (2021) destaca que o animê *Naruto* estreou na televisão japonesa no ano de 2002, porém no Brasil teve sua exibição de forma tardia estreando no ano de 2007, no canal de televisão por assinatura *Cartoon Network*, conhecido por uma programação voltada ao público infanto-juvenil. Para potencializar ainda mais a popularidade da animação, a editora Panini começou a lançar os volumes de mangás da franquia pelo Brasil e o canal de televisão brasileiro SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) passou a exibir o animê, em seu programa matinal de exibição de desenhos e séries para o público infantil, *Bom Dia e Companhia*.

À vista disso, diversos produtos passaram a ser comercializados pelo país e, pouco tempo depois, bandanas, utensílios utilizados pelos ninjas do animê para evidenciar sua aldeia de origem, eram vendidos em todas as lojas especializadas ao público infantil além de vender produtos que variam de bonequinhos até marcador de texto com os ninjas estampados.

Garcia (2021) ressalta que o lançamento de episódios pela televisão aberta e fechada eram insuficientes para saciar o desejo dos fãs em consumir a trama, ou seja, como o anime teve um atraso de lançamento no Brasil, os episódios disponibilizados com legendas na internet eram numerosamente superiores aos exibidos com dublagem no território brasileiro. Dessa forma, os canais brasileiros reprisavam constantemente a mesma leva de episódios adquiridos, enquanto o próprio anime já havia encerrado o ciclo de episódios relacionados ao *Naruto* e haviam lançado sua sequência *Naruto Shipudeen*.

Garcia (2021) enfatiza que uma das formas do anime *Naruto* (2021) continuar “vivo” nas prateleiras das lojas, mesmo anos depois de seu lançamento é o licenciamento feito pelo agente Luiz Angelotti, que é responsável por fazer o planejamento e a representação das marcas do animê no Brasil. Segundo Garcia (2021), “Angelotti trabalhou com *Naruto* em dois momentos de sua carreira, primeiro quando a série estava com exibição no *Cartoon Network* e *SBT* e, posteriormente, retomou com a marca a partir de 2017 com o objetivo de ‘reintroduzir’ o ninja no Brasil”. Garcia (2021) ao entrevistar Luiz Angelotti, descreve que o agente especifica que sua empresa, Angelotti Licensing, compreendeu que não era apenas a exibição do animê

em TV aberta que importava, mas, principalmente, sua exibição nos serviços de *streaming* e nas redes sociais.

Ao ser perguntado por García (2021) sobre as vendas relacionadas aos produtos de *Naruto*, Angelotti relata uma incrível quantidade de vendas em todos os produtos relacionados à marca, mas destaca as peças de vestuário que têm como público-alvo os saudosistas que assistiram ao anime durante à infância/adolescência e a nova geração, cuja faixa etária varia entre 6 a 12 anos. Essas noções apresentadas aqui auxiliam-nos a entender a abrangência discursiva e ideológica que o animê *Naruto* consegue alcançar mesmo anos depois de seu lançamento.

Sendo assim, Silva (2019) classifica a obra *Naruto* como pertencente à cultura pop, ou seja, essa cultura constrói projetos e produtos voltados ao entretenimento através de uma indústria cultural massiva. Para Silva (2019, p. 46), “Os produtos desta cultura são consumidos em larga escala, moldando um mercado consumidor através da combinação de gostos e da construção de uma identificação”. Dessa forma, fica claro o impacto e a influência que esses produtos, inclusive o animê que compõe o *corpus* de nossa pesquisa, possuem sobre seu público que os leva a consumir vários outros produtos apenas porque eles estampam o rosto dos personagens da franquia *Naruto*.

Dessa forma, os estudos de AD nos permitirão lançar o olhar sobre o animê *Naruto* de forma que possamos identificar a produção de sentidos de discursos ditatoriais que retornam na trama narrativa através do personagem Sasuke Uchiha ao descrever uma tentativa de revolução que inclui eliminar os cinco Kages, espécie de líder superior, como se fosse um presidente de cada país, e reconstruir a história do zero.

2.1 Discurso Ditatorial

Os regimes totalitários se materializaram em maior frequência durante os períodos assolados pelas guerras mundiais em que as ideias de democracia estão enfraquecidas.

Silva (2022), em seu texto intitulado *Regimes Totalitários*, vinculado ao portal Brasil Escola, relata que regimes totalitários são regimes que existiram na primeira metade do século XX e descreve esse regime como “um sistema político fundamentado no controle absoluto de um partido ou de um líder sobre toda nação” (SILVA, 2022). Dessa forma, o líder representará o Estado e irá deter amplos poderes sobre a vida privada e pública.

Dentre as características que descrevam um regime totalitarista, Silva (2022) descreve forte militarismo, intimidação e terror. Através do militarismo está atrelado muita intimidação que era apoiada por propagandas ideológicas que tinham como objetivo a doutrinação da população e, por último, era utilizado do terror para perseguir quem se opunha ao líder.

Silva (2022) destaca que o termo ‘totalitarismo’ surgiu na década de 1920 para se referir ao fascismo italiano, com isso, devido ao sucesso do fascismo italiano é que o fascismo se espalhou como uma alternativa política em toda Europa. Segundo Silva (2022):

O ápice do totalitarismo na Europa aconteceu quando os nazistas ascenderam ao poder na Alemanha em 1933. A partir daí movimentos de apoio a ideias totalitárias da extrema-direita espalharam-se pelo mundo e chegaram, inclusive, no Brasil – o integralismo. No espectro político da esquerda, o totalitarismo manifestava-se por meio do regime político de Josef Stalin. (SILVA, 2022).

Silva (2022) discorre que o culto ao líder se refere à forma com a qual a imagem desse líder é espalhada por todo país e demonstra como a figura do líder deve ser referenciada entre o povo. Já a censura é aplicada sobre os meios de comunicação nos quais só podiam ser espalhadas as mensagens aprovadas pelo governo. Enquanto isso, a supressão dos partidos políticos era regular nos regimes totalitários, dessa forma, só existe o partido do governo e todos os outros eram proibidos e, por último, a criação de inimigos internos e externos era uma estratégia criada por esses líderes em que suscitava a necessidade de combate a esses grupos e, assim, dava motivos às medidas autoritárias.

Silva (2022) relata que na Europa existiram três grandes movimentos totalitaristas sendo eles: o fascismo (1922 – 1945), o nazismo (1933-1945) e o stalinismo (1924-1953), os dois primeiros se aliavam à extrema-direita, enquanto o último se alinhava

à extrema-esquerda. E que apesar das diferenças ideológicas, algumas características aparecem em consonância entre esses três regimes, como dissemos acima: o culto ao líder, censura, supressão dos partidos políticos, criação de inimigos internos e externos.

Silva (2022) descreve que o fascismo assumiu o poder quando Benito Mussolini foi nomeado primeiro-ministro. Segundo Silva (2022):

A ascensão de Mussolini ao poder aconteceu em um contexto de crise política e econômica na Itália e de crescimento do comunismo no país. Assim, no começo da década de 1920, as forças fascistas começaram a agir violentamente contra grupos, como os comunistas, e angariaram o apoio dos liberais. Por meio da pressão dos fascistas, o rei italiano acabou nomeando Benito Mussolini como primeiro-ministro, em 1922. Em 1925, Benito Mussolini autoproclamou-se ditador da Itália e consolidou o sistema totalitário na Itália. (SILVA, 2022).

Para Silva (2022), o fascismo se configura como um regime que utiliza do conservadorismo para ganhar forças e dentre suas estratégias estão o desprezo pelo socialismo e a exaltação de valores conservadores.

Enquanto isso, o movimento nazista surge em território alemão com o nome de Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, nesse partido, Adolf Hitler foi um dos primeiros membros a se filiar e, posteriormente, tornou-se líder do partido. Silva (2022) aponta a boa retórica de Hitler como uma das suas principais qualidades de mobilizar multidões. O autor aponta que o nazismo começa a ganhar força após a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial. De acordo com Silva (2022):

A ideologia nazista foi resumida por Adolf Hitler em seu livro escrito durante o período em que esteve preso – o Mein Kampf. Um dos pilares da ideologia nazista era o antissemitismo, nome pelo qual conhecemos o ódio contra os judeus. O antissemitismo era uma ideologia já difundida na sociedade alemã, desde o século XIX, e foi explorado pelos nazistas. (SILVA, 2022).

O discurso antissemita de Hitler resultou em um dos piores acontecimentos da história humana: o Holocausto, em que se estima a morte, por câmara de gás e fuzilamento, de, aproximadamente, 6 milhões de pessoas que, em sua maioria, eram judeus. Além disso, o nazismo trazia em sua ideologia “o antimarxismo, o antiliberalismo, a exaltação da guerra, o controle do Estado, o nacionalismo extremado, o culto ao líder e defendiam a ideia da superioridade da raça alemã”

(SILVA, 2022). Outro aspecto ideológico defendido pelo nazismo seria a criação de um “espaço inato” destinado à raça ariana.

Por último, o Stalinismo foi um regime totalitário que ocorreu em um período que a União Soviética foi governada por Josef Stalin. Silva (2022) descreve que:

Josef Stalin era um dos membros do alto escalão do governo soviético, mas acabou assumindo o poder do país depois que Lênin morreu, em 1924. Em 1929, tornou-se o líder supremo da União Soviética e governou o país de maneira totalitária até 1953, o ano de sua morte. (SILVA, 2022).

Silva (2022) revela que uma das características mais emblemáticas do totalitarismo de Stalin é o culto à imagem do líder, confundindo à ideia de Estado com a do próprio líder de forma que, quando Stalin morreu, muitas pessoas ficaram assombradas com a ideia de viverem sem um líder. Outra marca totalitária é de perseguição aos opositores, sendo assim, os perseguidos eram torturados ou enviados para campos de trabalho forçado conhecidos como *gulag*.

Leite (2017) aponta que o fascismo surgiu na Europa pós Primeira Guerra Mundial e revela que, rapidamente, ganhou vários adeptos ao redor do mundo e que a Alemanha entrou no século XX sendo reconhecida internacionalmente como um país culto, moderno e tecnologicamente avançado. Para Leite (2017):

A ideia de um governo forte, centralizado, provedor da “moral e da ordem”, que colocava o povo alemão no patamar de racial e culturalmente superior, e que prometia banir os judeus e reerguer o país com a derrubada do Tratado de Versalhes, repercutia de forma positiva para muitos eleitores. A aceleração da grande depressão (1929) é comumente elencada pela historiografia como um fator de impulso para a chegada do Partido Nazista ao poder e o conseqüente declínio da República de Weimar, a porta de entrada para sua consolidação no governo alemão. Logo, de acordo com Ian Kershaw, sem uma “guerra perdida e suas conseqüências, uma revolução e um sentimento difuso de humilhação nacional – Hitler teria sido um ninguém. (LEITE, 2017, p. 19).

Hobsbawn (1995) aponta que a república de Weimar, período de transição entre a Primeira Guerra Mundial e o nazismo, entre os anos de 1919 e 1933, caiu em grande parte devido à Grande Depressão, período de forte recessão econômica que atingiu o capitalismo internacional no final da década de 1920, isso se dá, pois, “a Grande Depressão tornou impossível manter o acordo tácito entre Estado, patrões e trabalhadores organizados que a manteve à tona funcionando” (HOBBSAWN, 1995, p. 112). Sendo assim, a indústria e o governo começaram a impor cortes econômicos

que resultaram em desempregos em massa. Para Hobsbawn (1995, p. 113), “a recusa dos trabalhadores organizados em aceitar cortes da Grande Depressão levou ao colapso do governo parlamentar e finalmente à nomeação de Hitler como chefe de governo da Alemanha”. Leite (2017) aponta que o crescimento da extrema-direita se dá como resposta à configuração que se formava historicamente em que muitas pessoas enxergavam o liberalismo como um movimento falido ao mesmo tempo que enxergavam uma ascensão de movimentos socialistas/comunistas.

À vista disso, Leite (2017) conceitua a mídia como um dispositivo de comunicação que através de um discurso acusatório e generalizante espalhava aos ouvintes a definição de inimigos da pátria.

Arendt (1998) aponta que regimes totalitaristas se apoiam em propagandas para convencerem as massas a aderirem a suas ideias. Para Arendt (1998):

Nos países totalitários, a propaganda e o terror parecem ser duas faces da mesma moeda. Isso, porém, só é verdadeiro em parte. Quando o totalitarismo detém o controle absoluto, substitui a propaganda pela doutrinação e emprega a violência não mais para assustar o povo (o que só é feito nos estágios iniciais, quando ainda existe a oposição política), mas para dar realidade às suas doutrinas ideológicas e às suas mentiras utilitárias. (ARENDR, 1998, p. 390).

Arendt (1998) revela que a política totalitária não substitui um conjunto de leis por outros ou não cria, através de uma revolução, uma nova forma de legalidade, mas implica a noção de que se pode dispensar qualquer consenso “e ainda assim não resvalar para o estado tirânico da ilegalidade, da arbitrariedade e do medo” (ARENDR, 1998, p. 514). Sendo assim, a autora afirma que o totalitarismo utiliza a promessa de libertar o cumprimento da lei e promete justiça na terra ao declarar que tornará a humanidade a encarnação da lei.

À vista disso, Arendt (1998) aponta que os governos totalitários declaram um inimigo ou vários inimigos para o cumprimento de seu governo cujo terror é utilizado para apontar esses inimigos como ameaçar, sendo assim, “esse movimento seleciona os inimigos da humanidade sobre os quais se desencadeia o terror, e não pode permitir que qualquer ação livre, de oposição ou simpatia, interfira com a eliminação do “inimigo objetivo” (ARENDR, 1998, p. 517). Arendt revela que o perfeito governo totalitário seria aquele em que todos os homens se tornassem um só homem.

Sobre as ideologias, Arendt (1998) as descrevem como fenômenos recentes que, durante várias décadas, tiveram papéis insignificantes na vida política, mas que se tornam totalmente úteis em um governo totalitário. Segundo Arendt (1998):

Uma ideologia é bem literalmente o que o seu nome indica: é a lógica de uma idéia. O seu objeto de estudo é a história, à qual a “idéia” é aplicada, o resultado dessa implicação não é um conjunto de postulados acerca de algo que é, mas a revelação de um processo que está em constante mudança; A ideologia trata o curso dos acontecimentos como se seguisse a mesma “lei” adotada na exposição lógica da sua “idéia”. As ideologias pretendem conhecer os mistérios de todo o processo histórico – os segredos do passado, as complexidades do presente, as incertezas do futuro – em virtude da lógica inerente de suas respectivas idéias. (ARENDR, 1998, p. 520)

2.2 O DISCURSO DE SASUKE

Para compreendermos como os discursos ditatoriais se materializam ao longo do animê *Naruto*, devemos lançar o olhar, primeiramente, para sua formação territorial. A aldeia em que o protagonista reside juntamente com sua equipe é intitulada *Konohagakure* ou Vila Oculta da Folha, fazendo parte de um dos cinco grandes países Shinobi. A Vila possui um Kage como líder e, ao todo, já foram 7 Kages nomeados ao longo da história. Segundo o Portal Fandom (2022):

Durante a Era dos Estados Combatentes, os ninjas foram organizados em pequenos clãs mercenários que não sabiam nada além de batalha. Os dois mais fortes desses clãs eram o Senju e o Uchiha, que tinham se guerreado por suas histórias inteiras. Eventualmente, com a intenção de acabar com o incontável derramamento de sangue, Hashirama Senju usou sua posição como líder de seu clã para criar uma trégua com o clã Uchiha através de seu líder, Madara Uchiha. Os Senju, os Uchiha e seus clãs afiliados então formaram a primeira vila shinobi: Konohagakure - um nome inventado pelo próprio Madara. A aldeia fora construída onde tanto Hashirama quanto Madara se reuniam quando crianças, embora durante a era de Eremita dos Seis Caminhos, o local originalmente fora para onde ele enviara a Besta com Cauda Kurama para viver. Em geral, conforme o tempo passou, outras aldeias logo começariam a ser formadas seguindo o exemplo de Konoha, terminando o Período dos Estados Combatentes e criando uma paz momentânea no mundo shinobi. (FANDOM, 2022).

Para a construção da Vila, Hashirama utilizou suas habilidades e criou sua infraestrutura e, devido a essas habilidades foi nomeado por todos como Hokage. Entretanto, por sentir que seu clã seria ameaçado, no futuro, pelo clã do Hashirama, Madara tentou convencer seu próprio clã a derrotar o Hokage, mas não obteve apoio.

Em um confronto nomeado de Vale do Fim, Madara foi derrotado e todos acreditavam que ele havia sido morto.

Pouco tempo depois do estabelecimento de cada país ter se concretizado com suas Vilas, ocorre a Primeira Guerra Mundial do animê. O pontapé inicial para o conflito se deu, pois, algumas Vilas estavam retirando recursos de forma ilegal de outros países. Com isso, Hashirama capturou diversas criaturas com caudas e convocou uma reunião com os cinco Kages das cinco Vilas principais, oferecendo as criaturas para vendas no intuito de promover a paz, porém Hashirama não viu o desenrolar dos conflitos já que morreu após guerras incessantes e seu irmão, Tobirama Senju, torna-se o segundo Hokage.

À vista disso, Tobirama faz uma aliança formal com o segundo Raikage, mas são emboscados pelos irmão Ouro e Prata, que desejavam cometer um golpe de estado. Mais tarde, o segundo Hokage é morto e Hiruzen Sarutobi é eleito o terceiro Hokage. O conflito entre os países só acaba quando os líderes dos cinco grandes países resolvem sua trégua, no entanto, todos eles apresentavam um enorme desfalque em seu território e em suas economias.

Já a Segunda Guerra Mundial Ninja tem a Vila Oculta da Folha como a principal instigadora do confronto visto que havia uma grande desigualdade econômica entre os países. Para Fandom (2022):

As nações então começaram a formar facções, e sob o pretexto de expansão de direitos justos, os países começaram a usar força militar para expandir seus territórios, fazendo assim o evento eclodir. Durante o conflito, o Terceiro Hokage liderou as forças de Konoha contra Sunagakure, Iwagakure e Amegakure, tendo sofrido grandes baixas em suas fileiras ninja durante os estágios iniciais da guerra principalmente por causa da maioria ofensiva da vila rapidamente sucumbir em decorrência das estratégias brutais usadas pelas outras aldeias. (FANDOM, 2022).

Graças a uma das ninjas médicas do animê, Tsunade, Konoha consegue se sobressair durante os combates devido aos batalhões médicos liderados por Tsunade. Com isso, após o fim da Segunda Guerra Mundial Ninja, foi realizado um acordo entre a Vila Oculta da Folha e as demais Vilas para que se reduzissem o tamanho de sua força durante tempos de paz.

Enquanto isso, a Terceira Guerra Mundial Ninja estoura entre as Vilas e como as Vilas menores não possuíam um grande potencial bélico, Konoha envia muitas crianças e jovens ao campo de batalha, com isso, um ninja chamado Minato Kamikaze utiliza de seu forte poder para destruir uma das pontes que ligavam as Vilas. Dessa forma, Minato é o fator chave e que garantiu a vitória de Konoha, fazendo com que ele estabelecesse um tratado de paz com a Vila Oculta da Areia. Após a guerra, Hiruzen renúncia como Hokage e cede seu título à Minato.

Logo após os eventos da Terceira Guerra Mundial Ninja, um homem mascarado sequestra o hospedeiro de um ser implacável conhecida como a besta de nove caudas, a libera na Vila Oculta da Folha e o atual Hokage decide aprisionar o monstro dentro de seu próprio filho, porém muitos ninjas foram mortos e grande parte da aldeia estava destruída.

Parte da Vila Oculta da Folha acreditava que foram membros do clã Uchiha que iniciaram os ataques com a besta de nove caudas e os culpavam por terem liberado o monstro dentro da Vila, portanto, cortaram as relações entre os membros do clã Uchiha e os demais clãs de Konoha. À vista disso, um ninja chamado Danzo Shimura pede para que um dos ninjas do clã Uchiha trabalhasse como espião, dessa forma, Itachi Uchiha descobriu que seu clã planejava aplicar um golpe de estado e foi ordenado a matar todos os membros do seu clã, entretanto, o ninja faz o acordo de que somente seu irmão mais novo sobreviveria, com isso, Sasuke Uchiha se tornava o único sobrevivente do massacre de seu clã.

Um grupo de vilões de extrema relevância no animê é o grupo Akatsuki. Esses indivíduos fazem parte de uma organização de mercenários composta por ninjas renegados de várias Vilas. Dentre os objetivos desse grupo, destaca-se a tentativa de reunir as criaturas implacáveis conhecidas como Bijus para que, assim, conseguissem poder.

Quando o membro da Akatsuki conhecido como Nagato se sacrifica e outra membra conhecida como Konan abandona o grupo, Obito Uchiha, que na época era conhecido como Tobi, assume o papel de líder do grupo e, assim, o objetivo de reunir todas as criaturas conhecidas como Bijus era para se tornar o Jinchuuriki do Juubi, o Dez Caudas. Segundo Jangarélli (2021):

Com esse poder, ele seria, então, capaz de acordar a **Árvore Divina** – que era uma das formas do próprio Juubi – e lançar o **Tsukuyomi Infinito** no mundo todo, espelhando seus olhos na superfície lunar. Para ele, só assim a sociedade shinobi teria paz: **em uma ilusão eterna**. (JANGARÉLLI, 2021).

Dessa forma, os eventos ocasionados pela Akatsuki fizeram com que ocorresse a Quarta Guerra Mundial Ninja, com isso, foi estabelecido um conflito que durou entre os dias 08 de outubro e 10 de outubro e as Forças Aliadas Shinobi, formada pelos guerreiros das cinco grandes nações, venceram o grupo da Akatsuki.

Após os eventos da guerra, o episódio 476 do animê, intitulado *Batalha Final*, materializa uma discussão entre o protagonista Naruto Uzumaki e seu melhor amigo, Sasuke Uchiha. Antes da luta física entre os dois amigos, eles empreendem um diálogo em que através do discurso de Sasuke fica implícito uma ideia de regime totalitário que o personagem pretende implantar caso ganhe o confronto. Sasuke inicia seu discurso questionando o porquê de seu irmão ter decidido proteger a Vila Oculta da Folha ao invés de seu próprio clã:

Minha explicação do que é ser Hokage representa minha resposta. O jeito com que Itachi viveu a sua vida me levou a essa resposta. Para proteger o País do Fogo e a Vila da Folha, ele sacrificou o seu clã e sua própria vida. Primeiro, eu preciso saber a razão. O que há nesse país que o fez ir tão longe para protegê-los. (NARUTO SHIPPUDEN, 2007, ep. 476 – A BATALHA FINAL).

Em uma análise deste pequeno trecho, retirado do discurso de Sasuke, podemos notar que ele deseja descobrir qual foi a ideologia que levou seu próprio irmão a obedecer às ordens de sua Vila para assassinar seu próprio clã. Conforme apontado por Chauí (2001), a ideologia pode ser vista como um instrumento utilizado pela classe dominante, que são os representantes da Vila Oculta da Folha, tem como intuito fazer com que suas necessidades sejam as mesmas da classe dominada, em que Itachi Uchiha sacrifica seu clã para trazer paz a Vila Oculta da Folha.

Em outro momento de seu discurso, Sasuke revela que a Vila é uma estrutura que deveria ser construída com a intenção de manter a paz, mas que coube ao seu irmão, Itachi Uchiha a tentativa de manutenção dessa pacificidade. Sasuke revela que seu irmão decidiu assumir a culpa sozinho e, para que a paz fosse mantida, ele havia decidido concentrar todo o ódio do povo em si mesmo e que, por isso, ele deveria ter

sido Hokage, mas revela que Itachi havia fracassado em um único ponto: ter mantido seu irmão mais novo vivo. Outro trecho do discurso de Sasuke revela que:

Eu não tenho pai, mãe ou irmão... Não tenho sequer um companheiro de clã. Eu estou sozinho. Eu, sozinho, vou aguentar o peso de todo esse ódio. E lidarei com isso tudo pessoalmente. Eu lidarei com todos os problemas ninjas. Também dispensarei todos os julgamentos e punições. Todo o ódio será concentrado em mim e então reunirei todas as vilas sob o meu controle. O ódio na escuridão não pode ser eliminado. Nesse caso, eu... Isso mesmo. Para mim, os Hokages... São pessoas que acabarão com a escuridão das Cinco Vilas com suas próprias chamas da vida. E então continuarão vivendo, comendo as cinzas da escuridão. (NARUTO SHIPPUDEN, 2007, ep. 476 – A BATALHA FINAL).

O personagem Sasuke começa a revelar a partir desse enunciado, que o foco de seu confronto é estabelecer uma revolução. É necessário retomar alguns pilares dos regimes totalitários já que eles emergem em momentos pós-guerra em que os países se encontram em desespero, ou seja, esse discurso de Sasuke se materializa após a Quarta Guerra Ninja. Nele Sasuke planeja ser o único líder de sua própria revolução assemelhando-se às figuras que influenciaram os regimes ditatoriais em nosso planeta. Ao perceber as ideias de Sasuke, Naruto o questiona se o plano de Sasuke é matar todas as bestas de caudas e os 5 Kages e Sasuke revela que sim ao afirmar que seu plano é deletar o passado.

Como apontam as definições de Orlandi (2015), o discurso de Sasuke apresenta um interdiscurso, ou seja, o sujeito é constituído pelo esquecimento que o define e, embora o personagem de Sasuke não conheça o fascismo, nazismo ou stalinismo, já que esses acontecimentos se materializam apenas em nossa realidade e não na realidade do animê, o personagem apresenta uma formação discursiva que produz os mesmos efeitos de sentido desses movimentos citados anteriormente.

Se Naruto tivesse perdido o confronto e Sasuke tivesse colocado seu plano em ação, exterminando os 5 Kages, um dos pilares que correspondem ao totalitarismo mencionado por Silva (2022) teria acontecido, dessa forma, todo o sistema político do animê seria controlado por um só líder em toda a nação, mesmo que Sasuke soubesse que sua figura seria odiada, ele seria visto como o único líder a ser temido e/ou adorado durante sua revolução.

Apesar de não ter realizado o desejo de Sasuke, que mudou de ideia depois da derrota, na concepção de Pêcheux (2014, p.82, grifos no original), “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do outro”, a formação imaginária que Sasuke tem de si mesmo no lugar de A é como uma pessoa poderosa com o poder de controlar todas as pessoas do mundo Shinobi, que são B. O povo dominado, entendido como B, tem Sasuke como um ditador, sujeito totalitário e tem a formação imaginária deles mesmos como um povo sem opções.

Outra característica totalitária defendida por Sasuke materializa-se em revelar o desejo em destruir todos aqueles que se pusessem em seu caminho. Essa característica é bem comum em regimes totalitários nos quais os inimigos são perseguidos e mortos. Sasuke revela um desejo de recomeçar do zero e cancelar seus laços com o passado, apresentando um caráter genocida em sua pauta de governo mundial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho demonstrou a forma com a qual o animê *Naruto*, animação utilizada para entretenimento, materializou discursos que retratam a realidade. À vista disso, demonstramos como esses discursos sofrem influências, nos dias que correm, de ideologias que afetaram contextos sócio-históricos.

O objetivo da análise do *corpus* do trabalho, o discurso de Sasuke, foi visar as teorias da Análise de Discurso para identificar semelhanças de discurso totalitários dentro do discurso do personagem. Exploramos as influências que deram origem a esses discursos exteriores e os interiores, especulando a sua estruturação e a sua ideologia que emergem a partir de regimes totalitários ao longo da história.

Nos fragmentos do discurso totalitário e revolucionário de Sasuke, analisamos a possível influência da ideologia dos regimes totalitários e de discursos fascistas, nazistas e stalinistas.

Portanto, pudemos observar semelhanças entre os discursos totalitários com a sociedade secreta do animê e seus objetivos, como a disseminação do seu poder e a destruição do sistema para construir um novo conforme a ordem. O termo 'sociedade secreta', para Sasuke, seria apenas de um membro, ele mesmo, em que iria doutrinar e dominar os países de seu mundo.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BRASIL, L.L. **Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva**. *Linguagem – Estudos e pesquisa*, v.15, n.1, p.171-182, jan/jun, 2001.
- FANDOM. **Konohagakure**. 2022. Disponível em: <<https://naruto.fandom.com/pt-br/wiki/Konohagakure>>. Acesso em 04 nov. 2022.
- GARCIA, FABIO. **Naruto no Brasil, uma febre que superou Cavaleiros dos Zodíacos e Dragon Ball? Omelete**. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/anime-manga/naruto-sucesso-no-brasil#:~:text=Naruto%20chegou%20oficialmente%20ao%20Brasil dentro%20do%20Bom%20Dia%20%26%20Cia>>. Acesso em 04 nov. 2022.
- HOBSBAWN, Eric. **A Era dos Extremos – o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- JANGARÉLLI, Márcio. **AKATSUKI: Tudo sobre os membros e a organização de Naruto**. Legião de Heróis. 2021. Disponível em: <<https://legiaodosherois.com.br/2021/akatsuki-naruto-tudo-sobre.html>>. Acesso em: 13 nov. 2022.
- KISHIMOTO, Masashi. A batalha final. In: **Naruto Shippuden 2007**. Disponível em: <<https://animetvonline.cx/anime/naruto-shippuden/>>. Acesso em: 10 nov. 2022.
- LEITE, Juliana Ferreira Campos. **Entre a suástica e o sigma: o nazismo e o integralismo em Pernambuco (1938-1945)**. Recife: 2017.
- ORLANDI, E.P. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2015.
- _____. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2008.
- _____. **Introdução às ciências da linguagem: Discurso e textualidade**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2006.
- PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD – 69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5.ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2014.
- SILVA, Daniel Neves. **"Regimes totalitários"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/regime-totalitario.htm>. Acesso em: 06 nov. 2022.
- SILVA, FRANCISCO ALVES DA. **A Narrativa do herói: um mito chamado Naruto**. Dissertação em Comunicação. João Pessoa: 2019.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

URBANO, KRYSTAL CORTEZ LUZ. **Legendar e Distribuir: o fandom de animes e as políticas de mediação fansubber nas redes digitais.** Dissertação em Comunicação. Niterói: 2013.

ANEXO

Discurso analisado do personagem Sasuke Uchiha.

Animê: Naruto Shippuden.

Episódio: 476 – A Batalha Final.

Diálogo:

Sasuke — Minha explicação do que é ser Hokage representa a minha resposta. O jeito com que o Itachi viveu a sua vida me levou a essa resposta. Para proteger o País do Fogo e a Vila da Folha, ele sacrificou o seu clã e sua própria vida. Primeiro, eu preciso saber a razão. O que há neste país e vila que o fez ir tão longe para protegê-los? O antigo Hokage falou... que a vila é uma estrutura criada para impedir os assassinatos de clãs e crianças. Uma estrutura que deveria levar à paz.

O Itachi tentou manter essa paz sozinho. Foi então que eu finalmente entendi.... Sofrer com experiências ruins, viver como traidor e criminoso de sua vila e país... Ele foi o ninja que assumiu todo o ódio e protegeu o País do Fogo e a Vila da Folha de seus demônios. Para mim, ele era um verdadeiro Hokage. Não é aquele que é reconhecido por todos... Mas sim aquele que carrega todo o ódio que é digno desse título. Eventualmente, eu entendi os sentimentos do Itachi por seu país e vila. Meu irmão apenas falhou em uma coisa. Ele me permitiu viver, o irmão mais novo dele. Não conseguiu esconder a verdade de mim, ele deixou o ódio se disseminar. Mas... eu não sou mais como o meu irmão. Eu não tenho pai, mãe ou irmão.... Não tenho sequer um companheiro de clã. Eu estou sozinho.

Eu, sozinho, vou aguentar o peso de todo esse ódio. E lidarei com isso tudo pessoalmente. Eu lidarei com todos os problemas ninjas. Também dispensarei todos os julgamentos e punições. Todo o ódio será concentrado em mim e então reunirei todas as vilas sob o meu controle.

O ódio na escuridão não pode ser eliminado. Nesse caso, eu.... Isso mesmo. Para mim, os Hokages... são pessoas que acabarão com a escuridão das Cinco Vilas com suas próprias chamas da vida. E então continuarão vivendo, comendo as cinzas da escuridão.

Naruto — E você acha que todos vão concordar com isso?

Sasuke — Eu já disse.... Não me interessa o que você ou alguma outra pessoa pense. Além disso, eu tenho o poder de controlar *tudo* agora.

Naruto — Você não tem ideia de como o Itachi viveu! Há coisas que você não pode fazer sozinho. Assim como a nossa batalha contra a Kaguya!

Sasuke — Mas as coisas nem sempre dão certo. Como estas duas estátuas, por exemplo... — *E nós dois, os irmãos...* Pensou Sasuke. — Com essa revolução, não haverá mais escuridão nas vilas. Eu vou me tornar a escuridão. Eu acabarei com a escuridão do passado e criarei um futuro cheio de luz do zero.

Naruto — Você está falando em matar as Bestas de Caudas e os Cinco Kages?

Sasuke — Isso mesmo. Vou deletar o passado.

Naruto — Você está falando que consegue fingir que nada aconteceu com o Itachi? Você e o Itachi eram irmãos, e muito aconteceu entre vocês.... Foi o que o tornou o que é hoje.

Sasuke — O Itachi agora é meu passado. Vou dar fim a todos os meus antigos erros e dúvidas aqui, e então começarei do zero. Começarei acabando com você. O seu será o último sangue que derramarei, em memória do meu falecido irmão.

Repassando o desejo de Sasuke antes da luta:

Sasuke diz — Minha versão de "Hokage" só dará certo se eu cortar todos os meus laços e ficar sozinho.

GLOSSÁRIO

AKATSUKI – Significa “Amanhecer/Aurora”. Nome atribuído a uma organização.

BIJUUS – Nome atribuído as bestas com caudas.

HOKAGE – Significa “Sombra do Fogo”. Nome atribuído ao líder da Vila Oculta da Folha.

JINCHURIKI – Literalmente significa “Poder do Sacrifício Humano”, são seres humanos que têm bestas com caudas seladas dentro deles.

KAGE – Significa “Sombra”. Nome atribuído ao líder de uma Vila Oculta.

KONOHAGAKURE/KONOHA – Vila Oculta da Folha.

RAIKAGE – Significa “Sombra do Relâmpago”. Nome atribuído ao líder da Vila Oculta da Nuvem.

SHINOBI – Literalmente significa ninja.